

CAÇA AO TESOURO: A BUSCA DA POESIA NAS LIVRARIAS COMERCIAIS

Ana Maria Domingues de Oliveira
Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP

Cena 1: Brasil, cidade grande, megastore de uma livraria qualquer. O leitor desavisado entra. Primeira gôndola: os mais vendidos. Entre eles, auto-ajuda, humor, infantis para adultos, biografias autorizadas ou não, espíritos modernos, talvez um policial. A versão em livro de um filme que está em cartaz no mesmo shopping. O leitor intrépido segue adiante. Segunda gôndola: auto-ajuda. Terceira: romances. Quarta: biografias. Quinta: culinária. Sexta: informática. Sétima: guias de viagem. Nas paredes revestidas de estantes, repete-se a mesma distribuição em categorias, dessa vez com livros editados há um pouco mais de tempo.

De repente, o leitor se anima: vê uma gôndola ao fundo, com pequenos livros que parecem ser o que ele procura. Chega mais perto. São as obras indicadas pelas instituições responsáveis pelos vestibulares. Edições facilitadas, resumidas, comentadas. Ainda não é isso.

Agora são duas ou três estantes com a rubrica “Literatura estrangeira” e mais uma rotulada “Literatura brasileira”. Mas eles não estão lá...

De repente, embaixo de uma das gôndolas, lá estão eles. Os poetas. Toda uma prateleira que reúne, num conjunto de cerca de 200 livros (estamos numa grande livraria), a poesia universal de todos os tempos. Dante, Drummond, Camões, Byron, Vinicius, Baudelaire, Leminski, J. G. de Araújo Jorge, Elizabeth Bishop, Olavo Bilac, Ana Cristina César, Rimbaud, Fernando Pessoa, Álvares de Azevedo, Claudete Menezes Silveira e Alberto José Guimarães. Claudete Menezes Silveira? Alberto José Guimarães? Vamos ver melhor. Sim, ambos editados pela Gráfica Calendas, de Conceição do Rio Abaixo.

Outros duzentos títulos vêm à cabeça do leitor. Mas onde estão Cacaso? João Cabral? Eugénio de Andrade? Cecília Meireles? Alphonsus de Guimarães? Ana Paula Tavares? Murilo

Mendes? José Régio? Alguns deles – pelo menos os mais canônicos – estão em suas edições de luxo, repousando, solenemente empoeirados, com seus preços proibitivos para a imensa maioria dos leitores.

Cena 2: Domingo à tarde, cidade grande, porta de cinema. Ao longo da imensa fila, uma figura caminha e pergunta a cada um: “Gosta de poesia?” Caso a resposta seja afirmativa, segue-se uma enxurrada de oferecimentos de edições artesanais, como se Cacaso não estivesse morto há quinze anos...

Cena 3: Sala de aula. A professora diz a entediados alunos: “Muito bem, crianças, agora todos farão um poema contando como foi a visita à fábrica de refrigerantes”. E lá vão eles, poetas de meio período, cometer esse desperdício de caderno que vem a ser escrever uma redação sem usar as linhas até o fim...

Cena 4: Na modorra que se segue à sobremesa e antecede o café naquele almoço de reunião da família, um tio de bigodes engomados se põe a declamar seus poemas favoritos. “Carolina”, do Machado. “Velhas árvores, do Bilac”. Um J. G. de Araújo Jorge. E, como fecho triunfal, um soneto de sua própria lavra. As crianças correm, os adultos dormitam.

Cena 5: Sala de aula, novamente. A professora ouve da esperançosa aluna sentada na primeira fila: “Professora, faço poemas. A senhora poderia ler alguns e depois dar sua opinião?” A professora ressabiada pergunta aos outros alunos quantos mais escrevem ou já escreveram poemas. Dois terços da classe levantam a mãos. Nova pergunta: “E quantos lêem poesia?” Duas ou três mãos tímidas se levantam, se tanto.

Diante destas cenas, muitas perguntas sem resposta. Que gênero é este que tanto dizem produzir e tão poucos consomem? Há poucos livros de poesia disponíveis nas livrarias porque as pessoas não lêem poesia ou as pessoas não lêem poesia porque há poucos livros de poesia

disponíveis nas livrarias? Mais um dilema a assombrar nosso pasmo diante da possibilidade de estarmos assistindo à extinção de um gênero que está na própria origem do literário.

Este texto não oferece respostas. Tenho apenas um teclado, muitas dúvidas e algumas suspeitas. Em primeiro lugar, a suspeita de que todas as cenas criadas aqui são frequentes e que contribuem, cada qual a seu modo, para a morte da poesia. Livrarias que não facilitam o acesso aos poetas, supostos poetas de fim de semana, torturando o já infeliz condenado a uma fila de cinema no domingo, professoras que pensam que todos são poetas aos 9 anos, tios com bigodes parnasianos nos almoços de família, adolescentes em crise que se crêem poetas só porque sofrem: triste lugar o da poesia em nosso mundo.

Para além disso, creio também um dos venenos da poesia é justamente aquilo que lhe dá vida: a polissemia. Para os leitores preguiçosos de hoje, não há espaço na vida para um texto que demande uma participação ativa do leitor como condição para obter algum prazer na leitura. Sem isso, o ato de leitura de um poema não passa de um exercício vazio de sentido.

No panorama da educação brasileira de hoje, sobretudo, a polissemia do texto poético é pedra de tropeço no meio do caminho: como um professor pode administrar tantas leituras de um texto quantos forem seus alunos? Como estabelecer critérios de avaliação ágeis e objetivos para leituras de poemas? A alternativa para isso é o extintor de polissemia chamado prova de múltipla escolha. É melhor reduzir a poesia a uma forma unívoca, sem sentidos ocultos espreitando atrás de cada palavra. Reduzir a poesia a uma questão objetiva, informativa: em que ano foi publicado *Brejo das almas*? A que categoria morfológica pertence a última palavra do verso “O mito é o nada que é tudo”?

Para corroborar essa visão objetiva da poesia, anuncia-se que todos são poetas: “Vamos escrever um poema a partir do texto lido”, “Vamos escrever um poema sobre a visita à fábrica de refrigerantes”, “Vamos escrever um poema para o Dia dos Pais”. Afinal, basta apenas não usar as

linhas por inteiro para se ter um poema. Além disso, o descaso com a poesia chega ao ponto de haver, em livros didáticos, poemas transcritos como prosa e vice-versa, sem qualquer razão aparente ou mesmo sem qualquer informação ao leitor sobre a interferência no texto original. Não há qualquer noção acerca da natureza da poesia e das especificidades do fazer poético.

Esta noção vai aparecer posteriormente, na leitura torta da poesia romântica, com seus poetas que faziam crer aos seus leitores que cada palavra dos poemas era resultado de uma lágrima vertida. Os obedientes leitores acreditaram nessa ficção e assim, diante de cada impacto emocional, sentem-se aptos a exercitarem sua muitas vezes insuspeita veia poética. Surgem assim os adolescentes poetas, alimentados por uma outra leitura torta: a da poesia do século XX. Segundo tal leitura, para escrever poemas, não é necessário conhecer nada diferente do coloquial: os versos não precisam ter métrica, rima, nem sequer carecem de uma organização em estrofes. Ótimo, basta então expressar toda a minha angústia em versos brancos e livres para ser, imediatamente, um poeta como Álvaro de Campos.

Alguns refinamentos: se eu escrever poemas com alguns palavrões posso ser Glauco Mattoso. Se fizer um poema ambientado num supermercado ou numa rodoviária, sou Allen Ginsberg. Se escrever sem obedecer às linhas, sou Haroldo de Campos.

Poemas prontos, voltamos a quem pode reconhecer nosso talento até então oculto, e procuramos um escritor respeitado ou um professor mais receptivo com um maço de folhas nas mãos. De volta à Cena 5.

O que torna estes aspirantes a poetas suspeitos da morte da poesia é que, como regra geral, a polissemia inexistente nos seus poemas – adolescentes ou nem tão adolescentes assim. A leitura de um desses poemas sugere a abertura de um diário, com um sabor de invasão da intimidade alheia. Curiosidade que se esgota na primeira leitura, pela ausência de polissemia, motor de leituras plurais. Por isso talvez se explique a cena 5, com dezenas de poetas e raros

leitores de poesia: todos querem expressar suas emoções em versos. Poucos têm paciência com diários íntimos e viagens ao redor do próprio umbigo que se esgotam em si mesmos.

Guardo num relicário a frase de minha professora na universidade, em nossa primeira aula: “A poesia não é um repositório de sentimentos”¹. Sábia atitude, que encerrou a carreira de 20 maus poetas e pariu 20 leitores de poesia.

Assim, as detestáveis faces que a poesia tem assumido, em nossos dias, certamente constituem as próprias causas de sua extinção. Quem entraria numa livraria em busca de poemas, se eles representam – alternadamente ou ao mesmo tempo – coisas tão detestáveis? A dolorosa tarefa de analisar sintaticamente versos de *Os Lusíadas*, que assombrou o cotidiano de gerações. Os jograis que o professor impunha como forma de aprender poemas (tão parecidos com as rimas mnemônicas da tabela periódica do professor de química). O tio parnasiano nos almoços de família. A adolescente declamando na noite de formatura, depois de discursos intermináveis. Os maluquinhos de plantão, fumando e escrevendo, enquanto sonham com os anos 70. O rapaz que sofre com a rejeição da garota e escreve longos poemas em que dissecava fibra por fibra suas mais profundas emoções.

O que fazer? Não sei. Mas, mais uma vez, suspeito. Não se pode amar o que não se conhece. Se conhecemos apenas estes desagradáveis arremedos de poesia, não há como esperar que a poesia sobreviva. Creio que a solução talvez seja a de devolvermos à poesia aquilo que a fez surgir: o prazer da leitura. Este prazer que está necessariamente atrelado ao caráter polissêmico da poesia. Se os leitores voltarem a conviver com isso, há uma chance de sobrevivência para a poesia. Esta tarefa sem dúvida cabe à escola, mas deve ser também a de

¹ Obrigada, Maria Lúcia Dal Farra.

todos os que amam a poesia e conhecem o prazer que se pode obter com a possibilidade múltipla de sentidos num mesmo texto. É o meu caso.